

plemento natural, a especulação, a agiotagem, o falso luxo. Os costumes mudavam, rapidamente. As crônicas de Alencar refletem essas mudanças: o interesse, por vezes apaixonado, pelo teatro, espetáculos como o da oratória sagrada de Mont'Alverne — de tantos toques profanos, aliás — a nova dança, a guerra da Criméia, as festas populares, como o carnaval, as sociedades por ações, que davam toque de escândalo aos negócios parcos e morigerados até aí vigentes. O folhetim espelhava os acontecimentos: inauguração das corridas de cavalo, os partidos que se formavam após as récitas do teatro lírico, chegando ao choque entre os seus componentes, o aparecimento das máquinas de costura. Alencar era contra elas: matariam a poesia do trabalho caseiro. O noticiário do exterior dependia ainda da chegada dos vapores, e Alencar escrevia: “Há três ou quatro paquetes soubemos que...”. Em julho de 1855, parece que por ter combatido a especulação reinante, abandonou o jornal. Suas crônicas ali publicadas apareceriam mais tarde em volume, *Ao Correr da Pena*. Depois de alguns meses, escreveria crônicas no *Diário do Rio de Janeiro*, sete apenas, que só foram incorporadas àquele livro em edições recentes. Deve ter saído do *Correio Mercantil* brigado porque, anos depois, e significativamente, esse jornal noticiaria a publicação de um de seus romances desta forma lacônica: “Saiu à luz um livro intitulado *Lucíola*”.

No *Diário do Rio de Janeiro*, José de Alencar constituiria exemplo marcante da conjugação da literatura com a imprensa. Ele mesmo depõe: “Em fins de 1856, achei-me redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Ao findar o ano, houve idéia de oferecer aos assinantes da folha um mimo de festa. Saiu um romance, meu primeiro livro, se tal nome cabe a um folheto de 60 páginas. Escrevi *Cinco Minutos* em meia dúzia de folhetins, que iam saindo na folha dia por dia, e que foram depois tirados em avulso sem nome do autor”(120). Mas o sucesso de folhetim ocorreria em 1857 quando, entre fevereiro e abril, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou O *Guarani*, com interesse extraordinário para a época<sup>(121)</sup>. Em 1860, o mesmo jornal publicaria, também em folhetins, *A Viuvinha*.

(120) José de Alencar: *Como e Porque Sou Romancista*, Rio, 1839, págs. 41/42.

(121) “Em 1857, talvez 56, publicou o *Guarani* em folhetim no *Diário do Rio de Janeiro*, e ainda vivamente me recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue às exclusivas preocupações do comércio e da bolsa, entusiasmo particularmente acentuado nos círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político. Relembrando, sem grande exageração, o célebre verso: *Tout Paris pour Chimène a les yeux de Rodrigue*, o Rio de Janeiro em peso, para assim dizer, lia o *Guarani* e seguia comovido e enleado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri e com estremecida simpatia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principais personagens do cati-